

A Teoria da Memória Coletiva de Maurice Halbwachs em Diálogo com Dostoievski : Uma Análise Sociológica Religiosa a partir da Literatura.

Claudinei Fernandes Paulino da Silva¹

Resumo

Este artigo propõe dialogar Maurice Halbwachs, sua teoria da memória coletiva, e Dostoievski, tendo como foco a religião, analisando, portanto, a sociologia sob o viés da literatura. É importante dizer que a literatura tem muito a contribuir com a pesquisa, pois ela é capaz de dialogar com outros saberes de forma relevante e interdisciplinar. A literatura de Dostoievski aborda aspectos preciosos, tais como: Antropologia, Filosofia, Teologia e Sociologia. É claro que não há nesta literatura uma preocupação de sistematizar e nem de trabalhar com um método específico, mas é possível analisar de forma séria, o quanto esta tem a contribuir, no caso desta pesquisa, com a sociologia da religião.

Palavras-chave: Memória coletiva, memória individual, memória histórica, religião, Dostoievski, Halbwachs

Abstract

This article seeks to promote a dialog between Maurice Halbwachs, his theory of collective memory, and Dostoievski, having religion as its focus, and, by doing so, to do an analysis of sociology by way of literature. It is important to say that literature has a lot to contribute to research, because she is capable of dialoguing with other areas of knowledge in

¹ Claudinei Fernandes Paulino da Silva é pastor da Segunda Igreja Batista de Jacupiranga - SP; Bacharel em Teologia pelo Seminário e Instituto Bíblico Betânia em Altônia-PR; Licenciado em Pedagogia pelas Faculdades Integradas de Santa Fé do Sul-SP FUNEC-FISA; Mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo.

a relevant and interdisciplinary way. Dostoevski's literature approaches some precious aspects, such as Anthropology, Philosophy, Theology, and Sociology. It is clear that we do not find in this literature a preoccupation with systematization nor in working with a specific method, but it is possible to do a serious analysis of how much it can contribute, in the case of this research, to the sociology of religion.

Key-words: collective memory, individual memory, historical memory, religion, Dostoevski, Halbwachs.

Introdução

Num primeiro momento são trabalhadas questões conceituais e fundamentais sobre memória coletiva em Maurice Halbwachs, discutidas por Daniele Hervieu-Léger e pelo professor Dr. Dario Paulo Barreira Rivera. Diálogo que possibilita uma análise delimitada e objetiva de alguns textos de Dostoevski, textos estes marcados pela religião (ortodoxia eslava), espaço (São Petersburgo, Sibéria, Rússia), tempo (período conflituoso da Rússia, marcado pelo conservadorismo eslavo que se contrapõe a influência ocidental). Outros elementos importantes que marcam a literatura de Dostoevski: As ciências modernas, o Ateísmo, o Nihilismo, o Socialismo, além da prisão na Sibéria, elementos estes que além de marcar sua literatura, são componentes que formam uma simbiose em sua cosmovisão, onde a memória religiosa não deixa de ser evidenciada.²

Conforme afirma Mikhail Bakhtin, Dostoevski é polifônico,³ isto é, portador de várias vozes e, diante delas o elemento sociológico não pode ser ignorado, por isto a compreensão da memória coletiva a partir de sua obra, interagindo com alguns críticos tem a contribuir para um diálogo bastante relevante, dentre esses críticos destacam-se Joseph Frank e Luis Felipe Ponde.

A pesquisa desenvolve-se em quatro tópicos, sendo que os três primeiros são construídos a partir de Maurice Halbwachs e o último tópico discute a relação da memória

² Dostoevski viveu no Século XIX na Rússia. Seus textos estão profundamente ligados com o contexto urbano de São Petersburgo, cidade importante naquele cenário. Foi influenciado em um período de sua vida por idéias socialistas, as quais lhe custaram quatro anos de prisão na Sibéria. A Rússia era governada pelo czar Nicolau I e sofria vários conflitos internos, havia uma divisão de dois partidos: Os ocidentalistas (abertos a idéias ocidentais, como o socialismo) e os eslavófilos (conservadores, geralmente ligados à igreja ortodoxa). Dostoevski era alguém que tinha uma mente avançada de seu tempo, porém tinha ao mesmo tempo uma forte influência eslava.

³ Apud PONDÉ, Luiz Felipe. *Critica e Profecia*. A filosofia da religião em Dostoevski. São Paulo: Ed.34, 2003.p.127,129

coletiva com a transmissão religiosa, elemento pertinente ao assunto tratado. O primeiro trabalha a Memória coletiva, onde aborda, conforme fora dito, questões conceituais e teóricas sobre o assunto aproximando o mundo de Dostoievski, que é a Rússia do Séc. XIX e seus desdobramentos com a teoria da Memória coletiva, para então pensá-la e compará-la dentro deste contexto. O segundo tópico discute a relação da Memória Coletiva com a Memória Individual e são abordados alguns elementos biográficos de Dostoievski, além da interação de alguns de seus textos. O terceiro tópico desenvolve a relação entre memória Coletiva e Memória Histórica, o qual procura aproximar o contexto histórico vivido por Dostoievski e sua memória. O último tópico é uma discussão sobre a memória coletiva e a transmissão religiosa, os elementos e a importância desta transmissão na reconstrução da memória, analisada a partir do referido contexto.

Todo o trabalho tem como referencial teórico principal Maurice Halbwachs. Infelizmente não foi possível encontrar textos específicos e traduzidos em português deste autor. Uma bibliografia interessante é “Fragmentos de la Memória Colectiva”, que é uma seleção de fragmentos de textos em espanhol sobre memória da Universidad Autónoma Metropolitana –Iztapalapa . Logo na apresentação inicial, o texto relata que a obra “A memória Coletiva” aparece publicada em 1950 como a obra póstuma e sua redação data-se de 1941-1944, sendo na verdade uma compilação que Maurice Halbwachs escreveu antes de sua deportação e morte no campo de concentração de Buchenwald em 1945. “Halbwachs não foi um pensador sistemático, mas sua obra revela uma evolução clara e um corpo característico.”

⁴ Além desta bibliografia mencionada, dois pesquisadores que discutem a teoria de Halbwachs; Daniele Hervieu-Léger e Dario Paulo Barreira Rivera contribuem para um melhor desenvolvimento do trabalho. Há também o diálogo com a literatura de Dostoievski, na verdade apenas o contato com algumas de suas obras e de alguns pesquisadores de sua literatura, mas que possibilita o diálogo e a aproximação com a sociologia da religião.

1. Memória Coletiva

O termo memória coletiva é original do sociólogo francês Maurice Halbwachs que o define da seguinte forma:

⁴ RIVERA, Paulo Barrera. *Tradição e emoção religiosa. Sociologia do Protestantismo na América Latina*. São Paulo. Olho d'água, 2001. p.30.

Memória coletiva é o processo social de reconstrução do passado vivido e experimentado por um determinado grupo, comunidade ou sociedade. Este passado vivido é distinto da história, a qual se refere mais a fatos e eventos registrados, como dados e feitos, independentemente destes terem sido sentidos e experimentados por alguém.⁵

A comunicação e o pensamento dos diversos grupos da sociedade estão estruturados em marcos, na verdade marcos sociais da memória. Os marcos da memória coletiva podem ser divididos em marcos temporais e marcos espaciais. Por marcos temporais entendem-se os fatos e períodos que são considerados socialmente significativos, por exemplo; uma festa, nascimento de alguém, mudança de estação, etc., onde uma recordação é reconstruída. Os marcos espaciais da memória coletiva mantêm a memória viva por mais tempo, pois é caracterizado pela lembrança ou recordação a partir de lugares; um edifício ou um lugar específico.⁶ Halbwachs dedica uma investigação mais pormenorizada a respeito dos espaços da memória.

Não é certo que para poder recordar é necessário se transportar com o pensamento fora do espaço, pelo contrário, é a imagem do espaço que, em razão de sua estabilidade, nos dá a ilusão de não mudar através do tempo, e de encontrar o passado dentro do presente, que é precisamente a forma em que pode definir-se a memória, somente o espaço é tão estável que pode durar sem envelhecer nem perder alguma de suas partes.⁷

A memória é então o passado se encontrando no presente, e o espaço é fundamental para isto, pois as recordações serão sempre vivas ao deparar-se com ele. É claro que pensando na sociedade atual, a memória coletiva parece decompor-se devido à pluralização das instituições, inclusive se tratando de religião; os indivíduos pertencem a uma pluralidade de

⁵ HALBWACHS, Maurice. *Fragments da la Memoria Colectiva*. Seleção e tradução. Miguel Angel Aguilar D. (texto em espanhol). Universidad Autónoma Meropolitana-Iztapalapa Licenciatura em Psicologia Social. Publicado originalmente em Revista de Cultura Psicológica, Año 1, Número 1, México, UNAM- Facultad de psicología, 1991.

⁶ Idem. Ibidem

⁷ Idem. Ibidem. traduzido do espanhol.

mundos, o espaço se fragmenta e conseqüentemente a lembrança também sofre o mesmo processo. Muito embora compreendamos esta fragmentação do mundo moderno, apresentada por Hervieu-Léger,⁸ nosso trabalho aponta para o mundo do Século XIX, a sociedade russa, onde esta pluralidade ainda é distante. A instituição, ainda que confrontada pelo niilismo, ateísmo e as demais influências ocidentais, como as ciências modernas, é predominantemente homogênea. Além desta homogeneidade, a sociedade oriental tem sua cosmovisão bem diferente da cosmovisão ocidental, inclusive no cristianismo. A ortodoxia russa, que predomina como o universo religioso daquele contexto, tem uma vivência muito mais mística, diferentemente do cristianismo ocidental da época. Luis Felipe Ponde⁹ apresenta um mapeamento da antropologia teológica da mística ortodoxa de Evdokimov¹⁰. Para ele há uma grande diferença entre a visão de cristianismo, entre igreja ocidental (latina)¹¹ e oriental, pois, segundo o teólogo russo, a igreja ocidental “tem o hábito de definir o que é igreja, de elaborar uma eclesiologia conceitual”, enquanto que para a ortodoxia,¹² igreja é algo que se experimenta, ou seja, quando se tem a experiência não há necessidade de conceito.¹³

O Século XIX sofre as influências do iluminismo, sobretudo na Europa, onde a secularização é iminente, a razão se torna a “carta magna”, a visão de mundo é percebida a partir de conceitos. Porém a Rússia de Dostoievski ainda está marcada pela mística ortodoxa, por um prisma diferente, muito embora, conforme já colocado anteriormente, sofresse as pressões ocidentais. É a partir então deste contexto que vamos pensar a memória coletiva em Dostoievski, começando então com a aproximação e comparação da memória coletiva e memória individual.

2. Memória Coletiva e Memória Individual

Para Halbwachs as recordações são coletivas, pois segundo ele nunca estamos sós, “sempre levamos em nós um certo número de pessoas inconfundíveis.”¹⁴ Rivera ao

⁸ HERVIEU-LÉGER, Danièle. *A transmissão religiosa na modernidade: elementos para a construção de um objeto de pesquisa*. Revista Estudos de Religião. Ano XIV, nº 18, Junho de 2000.

⁹ PONDE, Luis Felipe. *Crítica e Profecia. A filosofia da religião em Dostoievski*. São Paulo. Ed 34, 2003, p 288

¹⁰ De acordo com Luis Felipe Ponde, Paulo Evdokimov é o maior teólogo russo que trabalha no ocidente. “Devido às perseguições em sua terra natal, acabou fugindo e viveu a maior parte de sua vida na França, trabalhando no Instituto saint Serge de Paris, a maior escola de teologia ortodoxa da Europa Ocidental.” p.46

¹¹ Para Evdokimov igreja latina refere-se à igreja ocidental. Termo que será usado a partir de agora.

¹² Por ortodoxia, entende-se a teologia e igreja da Rússia.

¹³ Id. Ibidem. p.71

¹⁴ HALBWACHS, op.cit.

mencionar Halbwachs afirma que se pode dizer que é impossível uma memória absolutamente individual e que lembrança (recordação) se reconstrói socialmente, “¹⁵sendo para isso indispensável à existência de uma comunidade afetiva”. Ao trabalhar a verificação da Memória Coletiva sobre a individual em Halbwachs, Rivera menciona a obra chamada “Étude de mémoire collective”, a qual analisa os relatos mais antigos de peregrinos sobre a geografia do tempo de Jesus Cristo e afirma que:

...O autor demonstra o caráter versátil da memória religiosa coletiva. Tal versatilidade obedece às necessidades dos grupos nas diferentes épocas. A memória coletiva cristã adaptou as lembranças da vida de Jesus Cristo e dos lugares aos quais elas estavam vinculadas às exigências e aspirações contemporâneas do cristianismo. ¹⁶

Diante desta argumentação, cabe a aproximação com Dostoievski em sua obra “Recordações da casa dos mortos”, onde este descreve o sistema prisional na Sibéria, algo que ele sente de perto e pessoalmente. O narrador é na verdade o próprio autor, muito característico em seus escritos.

Há quanto tempo não entrava eu numa igreja! A cerimônia da quaresma, tão conhecida na minha infância. As orações suntuosas, isso de se ficar prostrando por terra, coisas tão distantes já da minha alma, cenas dum passado longínquo, me faziam rever a infância. /.../Íamos todos sob pesada escolta, que ficava do lado de fora. No templo ficávamos num grupo aos fundos, perto da entrada, de maneira que mal ouvíamos os cânticos do diácono, e só de quando em quando víamos a estola negra do sacerdote. Lembrava-me então como eu, criança, observava a gente humilde que se aglomerava aos fundos, perto da entrada, e que se afastava respeitosamente para deixar passar uma autoridade fardada, os senhores fidalgos gorduchos ou as nobres senhoras roçantes rumo aos seus lugares lá na frente. /.../E agora o meu lugar era ali atrás, também. E, pior ainda: tínhamos cadeias,

¹⁵ RIVERA, Dario Paulo Barrera. *Tradição, memória e modernidade. A precariedade da memória religiosa contemporânea*. Revista Estudo de Religião, Ano XIV, nº 18, junho de 2000, p. 122. Segundo o autor este conceito também aparece nos escritos de Weber e retomado por Daniele Hervieu-Léger.

¹⁶ RIVERA, Dario Paulo Barrera. *Tradição e emoção religiosa. Sociologia do Protestantismo na América Latina*. op.cit. p. 30

éramos vigiados. Afastavam-se de nós, temiam-nos, davam-nos esmolos/.../Os presos rezavam com muito fervor, e cada um deixava o seu copeque de espórtula na saca, como se afirmasse: “Também sou um homem!”, ao deixar cair aquele copeque. “Diante de Deus, somos todos iguais!” A eucaristia nos foi dada durante a missa. E quando o sacerdote rezou, soerguendo hóstia: “... leva-me contigo para o paraíso conforme prometeste ao bom ladrão.” todos os detentos se prostravam profundamente, e suas algemas ressoaram.¹⁷

Naquela prisão, as datas religiosas possuem um grande significado, os prisioneiros aguardam com ansiedade, pois este é um dos poucos momentos em que sentem alguma dignidade humana. É possível perceber aqui o marco temporal e espacial mencionado por Halbwachs. “A cerimônia da quaresma, tão conhecida na minha infância.” A lembrança da cerimônia da quaresma em sua infância. “... cenas dum passado longínquo, faziam-me rever a infância.” Além deste marco temporal, o marco espacial é bem presente: “Há quanto tempo não entrava eu numa igreja!”... “Lembrava-me então como eu, criança, observava a gente humilde que se aglomerava aos fundos”. O templo também lhe traz lembranças e fica muito evidente também a memória individual na memória coletiva, uma vez que suas lembranças são carregadas de afetividade, de pessoas humildes que ficam ao fundo, reverenciando os “mais importantes”, algo que agora ele estava experimentando enquanto prisioneiro.

A religião é o vetor da continuidade social porque ela é ao mesmo tempo relato e comemoração de sua origem. Ela mesma é tradição. Toda celebração eucarística é anamnese da Paixão. O culto cristão visa à reativação permanente da memória de seu fundamento; a crença religiosa é substancialmente uma forma de lembrar. A igreja fixou suas origens na forma de dogma, mas esse também se transforma. Toda mudança religiosa encontra sua legitimidade na afirmação de uma perfeita continuidade com suas origens. Inovação religiosa é uma fundação continuada, um retorno às fontes.¹⁸

¹⁷ DOSTOIEVSKI, Fiodor. *Recordações da Casa dos Mortos*. Trad. José Geraldo Vieira. Martin Claret. São Paulo, 2006 p.237

¹⁸ RIVERA, Paulo Barrera. *Tradição e emoção religiosa. Sociologia do Protestantismo na América Latina*. op.cit. p.

Dostoievski sofre uma mudança de grupo. De jovem intelectual e urbano de São Petersburgo passa a ser um prisioneiro na Sibéria, convivendo então com um grupo totalmente diferente do que estava acostumado. Roger Bastide, citado por Rivera, afirma que a estrutura do grupo é mais importante que o próprio grupo.¹⁹ Embora houvesse trocado de grupo, sua convivência como e com prisioneiros, grande parte deles “mujiques”²⁰ ainda mantinha o mesmo cenário religioso. Esta estrutura do grupo, mais precisamente a estrutura religiosa, aproximava as pessoas. Oficiais e prisioneiros, comunidade e Estado, ricos e pobres. A memória coletiva em Dostoievski tem como pano de fundo este cenário religioso, tão presente em suas obras, a religião era, a nosso ver, um elemento estrutural. Como afirma Roger Bastide “É mais a estrutura do grupo que o grupo em si, que fornece os quadros da memória coletiva; sem isso não se compreenderia porque a memória individual necessita do apoio de toda a coletividade.”²¹

Um momento bastante interessante que narra a lembrança da infância de Dostoievski e como isto lhe vem a mente é mencionado por Joseph Frank.

O menino Dostoievski, de nove anos de idade, saiu correndo pelo bosque, assustado, para perto de um camponês que arava um terreno próximo, um dos servos de seu pai, que ele só sabia chamar-se “Marei”. “Surpreso, o servo Marei interrompeu seu trabalho para consolar o garoto apavorado, que tremia e tinha o rosto lívido. Disse-lhe que ninguém havia gritado e que não havia nenhum lobo por perto. Dostoievski lembrou-se de que Marei lhe sorriu com ternura, “como uma mãe”, benzeu-o e lhe fez o sinal da cruz em si mesmo. Depois, disse-lhe que voltasse para casa, garantindo que ficaria tomando conta de longe.” Tudo isto me voltou à memória num instante não sei porquê”, escreve Dostoievski, “com surpreendente nitidez e precisão de detalhes. De repente, abri os olhos, sentei-me na cama e me lembro de ainda conservar em meu rosto o doce sorriso da recordação.”²²

¹⁹ Apud. RIVERA, Dario Paulo Barrera. *Tradição, memória e modernidade. A precariedade da memória religiosa contemporânea*. Revista Estudo de Religião, Ano XIV, nº 18, junho de 2000, op.cit. p.126

²⁰ Termo usado na época para reportar-se aos servos camponeses, funcionários mais simples e aos pobres de modo geral da Rússia.

²¹ Apud. RIVERA, op.cit. p.126

²² FRANK, Joseph. *Dostoievski. Os anos de Provação 1850 a 1859*. Trad. Vera Pereira. São Paulo. Edusp.

A memória ressalta a humanidade, algo tão presente e enfático em Dostoievski. Na verdade, não há como sistematizá-lo, ele é assistematizável, afirma Bakhtin,²³ porém é inegável a presença de elementos sociológicos, antropológicos, filosóficos e teológicos em seus escritos, elementos presentes de forma interdisciplinar e intertextual. O ser humano é o foco, sua relação com a vida se dá a partir da compreensão do homem. A recordação de sua infância citada por Frank, traz à sua memória algo carregado de afetividade o que demonstra a presença da comunidade afetiva na memória, mencionada por Rivera. Esta afetividade presente na vida e memória alimenta a humanidade. Evidokimov diz o seguinte: “para Dostoievski, o ser humano só se constitui quando ama e é amado; senão ele não é ninguém, ele se desmancha, não existe.”²⁴

3. Memória Coletiva e Memória Histórica

A história pretende dar conta das transformações da sociedade, a memória coletiva insiste em assegurar a permanência do tempo e da homogeneidade da vida, como um intento de mostrar que o passado permanece... Enquanto a história é informativa a memória é comunicativa./../²⁵

Halbwachs nos dá a entender que é impossível uma memória absolutamente individual porque ela depende de outros, portanto evidenciada e reconstruída socialmente. Há também um outro elemento que ele denomina de memória histórica e traz uma relação entre a memória coletiva e esta memória histórica. A memória individual, conforme vista anteriormente, é uma memória que depende de uma comunidade afetiva, ou seja, depende de outras pessoas que fizeram parte da vida. Mas além da presença dos outros há a presença de pontos de referência que existem externamente e que são fixados pela sociedade. Para distinguir melhor, Halbwachs usa outros termos que parecem elucidar de forma mais clara:

p.180

²³ Apud, Ponde. op.cit. p.129

²⁴ Idem. Ibidem. p.138

²⁵ HALBWACHS, op.cit.

memória interior e memória exterior, ou memória pessoal e memória social, ou ainda memória autobiográfica e memória histórica. Para ele a primeira se auxilia da segunda, pois toda a história de nossa vida forma parte da história em geral. A memória histórica nos apresenta o passado de forma resumida e esquemática, enquanto que a memória de nossa vida aparece em um contexto mais contínuo e denso.²⁶ Ao distinguir a memória coletiva da memória histórica, Halbwachs afirma que a memória coletiva é múltipla, pois se trata da memória de um determinado grupo, enquanto que memória histórica é única, conforme ele destaca: “existem múltiplas memórias coletivas/.../ a história é uma e se pode dizer que não há mais que uma história.”²⁷

Dostoievski está inserido nos Séc. XIX, o qual é chamado por Ponde de século da dúvida religiosa,²⁸ porém, mesmo fazendo parte deste contexto, a mística ortodoxa está sempre presente em suas obras. É possível identificar a memória coletiva e a memória histórica, a presença da dúvida religiosa, da negação, que o século trazia e a abordagem da mística ortodoxa que era característico do povo russo. Dostoievski por muitas vezes vivia uma ambigüidade, pois apesar de ser um intelectual que aspirava às influências ocidentais, evidenciava sua tendência mística.

Antes de sua prisão, ele era um jovem com tendências socialistas, fazia parte de um grupo conhecido como círculo de Petrachevski²⁹. Este envolvimento lhe custou a prisão, primeiro foi condenado a morte, porém depois por uma determinação do Czar a sentença foi mudada e seu destino passou a ser a prisão na Sibéria. A prisão acabou levando-o a rever suas idéias, sua forma de ver a vida e o povo russo.

Para Frank, este momento em sua vida foi um momento de reencontro.

Portanto, seu reencontro com a fé no povo russo também foi um reencontro com a igreja ortodoxa, ou pelo menos, um distanciamento do antigo cristianismo “progressista”, cujas doutrinas ele podia perfeitamente criticar como a fonte última de todas as suas antigas ilusões.³⁰

²⁶ Idem. Ibidem

²⁷ Idem. Ibidem

²⁸ PONDE, op.cit. p.133

²⁹ O círculo de Petrachevski era um grupo de jovens que se encontravam na casa de Mikhail Butachévsch – Petrachevski para discutir as grandes questões no momento em que a imprensa russa amordaçada estava proibida de veicular. FRANK, op.cit

³⁰ FRANK, op.cit. p.184

Este reencontro se deu por tudo o que viveu e pelas suas lembranças (memória) que eram incisivas na prisão. O povo russo passou a ser visto com outro olhar por ele, percebe-se então história e o grupo social, a memória histórica e memória coletiva presentes em sua vida.

No livro, “Os Irmãos Karamazovi”, o último romance de Dostoievski, retrata os conflitos da época, cujas personagens são marcadas por todos os dilemas da existência. Uma família, cujo pai era um *bon vivant*, um dos filhos tinha tendência ateísta, Ivan, o outro era o filho mais velho, Dmitri, um jovem cheio de dilemas pessoais com o pai, e o mais novo era um jovem monge, Aliocha, personagem que representa a instituição e a fé cristã eslava. É impressionante como estas personagens retratam o contexto russo da época, e o livro trata de um parricídio, mas ao mesmo tempo traz todos os conflitos humanos e religiosos deste período. É uma memória russa escrita. Há sempre presente um diálogo discutindo questões pertinentes ao momento, como as ciências modernas, o niilismo e o ateísmo, além da situação social do povo russo e sua religião.

Talvez um conhecimento prévio da mística cristã ortodoxa ajudaria-nos compreender melhor a religião deste cenário. A mística cristã nasceu falando “copta”³¹, a influência cultural, portanto, foi copta e não hebraica e nem grega, muito menos latina e “sendo essa língua eivada de concretude, tal condicionamento acabou ficando na raiz da teologia ortodoxa, para a qual não há teologia que não seja mística”.³² O cristianismo só entrou no Egito à medida que os coptas começaram a se converter a nova religião nascida na palestina, porém, a religião cristã não deitou raízes na comunidade egípcia. A mística ortodoxa tem origem no Egito, com Santo Antão, que vivia de forma anacoreta e com Pacônio, fundador da forma cenobítica, que vai dar origem aos mosteiros.³³ A religião eslava nasceu desta construção histórica. Sobre a relação de Dostoievski com o povo russo do séc.XIX, Clóvis Beviláqua diz o seguinte:

Os russos são crentes, são místicos. Neles não morre a crença afogada em ondas de sangue; antes mais se lhe avigora o ardor religioso, a exaltação que leva ao êxtase, à medida que se abismam no vício e no crime/.../Também o povo, esse povo russo “vasto e desordenado”, como ele chamou, amava-o deliriosamente. Sua morte (13 de Fevereiro de 1881) abalou e comoveu a Rússia, desde o

³¹ Língua originada do egípcio antigo, anterior à colonização grega.

³² PONDE, op.cit. p.72

³³ PONDE, op.cit. p.72

Cáucaso até o Mar Branco. Seu funeral foi de uma imponência apavorante para as instituições monárquicas, ali, como em toda parte, divorciadas hoje das simpatias populares. Cem mil pessoas em ala peserosa curvavam-se à passagem do féretro de quem outrora fora um forçado da Sibéria. Os padres, os estudantes, as sociedades literárias, os mendigos, os príncipes, os niilistas de ambos os sexos se confundiram naquela hora de luto nacional. A pátria fora para ele um culto absorvente; o povo russo não tinha igual a seus olhos; era justo que a Rússia viesse chorar ajoelhada sobre a cova daquele que fora a personificação de sua alma atribulada.³⁴

Talvez haja um certo exagero por parte de Beviláqua, mas com certeza Dostoievski retrata um período histórico da Rússia e ao mesmo tempo sua própria memória, descrita em suas personagens, retratando aquilo que Halbwachs menciona:

É de tal modo verdade que os marcos coletivos (pontos de referência) da memória não se reduzem a fatos, a nomes e a fórmulas, já que estes representam correntes de pensamento e de experiência que só encontramos no nosso passado porque ocorreram.³⁵

A memória coletiva é contínua e as experiências vividas no passado, mesmo fazendo parte de um contexto geral, de alguma forma diz respeito ao grupo social específico que tende a trazer marcos também à memória individual. Na literatura de Dostoievski, em especial, os “irmãos Karamazov”, há o contexto geral, a Rússia do Século XIX, a família Karamazov, como grupo social, a memória sendo contada, ou melhor, escrita.

4. Memória Coletiva e Transmissão Religiosa

A memória é mobilizada. “Toda religião implica uma mobilização específica da memória coletiva/.../Na base de toda a crença religiosa existe efetivamente a crença na

³⁴ BEVILÁQUA, Clóvis. *Naturalismo Russo-Dostoievski*. Texto extraído da Academia Brasileira de Letras, via Internet. O autor foi jurista e escritor brasileiro. 1859-1944. p.261

³⁵ HALBWACHS, op.cit.

continuidade da descendência da fé.”³⁶ Esta continuidade se dá por meio da transmissão religiosa que é o processo ou, conforme afirma Danièle Hervieu-Léger, o conjunto de processos³⁷ que transmitem o fato fundante³⁸ às próximas gerações do grupo e esta transmissão precisa ser eficiente para manter a continuidade.

Para o professor Dr. Dario Paulo Barrera Rivera a sociologia da religião tem dado pouca a atenção ao estudo destes processos de transmissão religiosa, e que este ficou restrito ao interesse da teologia, que via de regra estava muito mais comprometida com a causa missionária do que com a tentativa de explicar o fenômeno da transmissão religiosa.³⁹ Rivera reitera que uma tradição só consegue se estabelecer quando existem possibilidades de transmitir uma memória, memória esta que remete ao fato fundante.⁴⁰

A transmissão religiosa está muito presente em Dostoiévski, em seus romances de alguma forma há registros de lembranças da infância, principalmente, de uma preocupação em educar e transmitir a religião aos filhos. No livro *Crime e Castigo*, Raskolnikov, um jovem cheio de conflitos internos, com uma forte tentação niilista, da negação da culpa, de toda moralidade, comete um homicídio e tenta se livrar desta culpa, porém acaba vendo sua vida se tornar um pesadelo existencial. Algumas lembranças lhe vêm à mente, essas lembranças reportam-no a infância, cuja educação religiosa está presente em sua vida, em sua família. Sua mãe parece sentir toda a inquietação no pobre filho e escreve uma carta, onde apela a religião e a educação que havia lhe transmitido em sua infância.

Ainda fazes as tuas preces, Ródia, e acreditas na misericórdia de Deus e do redentor? Temo, em meu coração, que estejas influenciado pelo novo espírito de impiedade de que hoje campeia. Se isto ocorre, rezo por ti. Lembra-te, querido, como na infância, quando teu pai partiu desta vida, balbuciavas tuas preces em meus joelhos; como éramos felizes naquela época.⁴¹

³⁶ Idem. *Ibidem*.

³⁷ HERVIEU-LÉGER *A transmissão religiosa na modernidade*, op.cit. p.40. Para a autora, o termo transmissão é o conjunto de processos que assegura a continuidade.

³⁸ Fato fundante ou fatos fundantes, termos usados pelo professor Dr. Dario Paulo Barrera Rivera. RIVERA, Dario Paulo Barrera. *Op.cit*

³⁹ Idem. *Ibidem*. p.122

⁴⁰ Idem. *Ibidem*.p.129

⁴¹ DOSTOIEVSKI, Fiodor. *Crime e Castigo*. Trad. Luiz Cláudio de Castro. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1998. p.46

Aqui é possível notar o apelo da mãe ao filho que mantenha a tradição que havia recebido de seus pais, característico das sociedades tradicionais as quais “postulam que a continuidade do grupo encontra-se na permanência (de instituições, de normas, de crenças, de ritos, modos de agir, etc)” e são governadas pelo que Danièle Hervieu-Léger chama de “imperativo da continuidade”.⁴² Hervieu-Leger ressalta que isto não significa que a mudança não pode se impor senão na medida em que ela está “integrada à representação coletiva de uma continuidade absolutamente preservada”, ou seja, as tentativas de reforma religiosa, na verdade são tentativas de retornar a tradição autêntica e contrapor a tradição “desnaturada” do presente.⁴³ Vale ressaltar que isto é característico de sociedades tradicionais, algo diferente da modernidade, onde a transmissão religiosa é questionada devido a pluralidade e fragmentação da memória.

...E para conservar esta crença, era necessário o apoio de uma fé que não recuasse diante do paradoxo do irracional, do impossível, uma fé que aceitasse sem vacilações tanto a feiúra quanto a selvageria, e que, ao mesmo tempo, buscasse e conseguisse encontrar a redentora chispa de humanidade escondida sob a horrenda face externa. Pode-se dizer que, assim como sua fé no milagre da ressurreição fora revitalizada e revivida pelas cerimônias da páscoa, sua fé no povo russo também tinha sido renovada pelo “milagre” da ressurreição de Marei na sua consciência. Provavelmente o salto necessário para a aceitação do triunfo de Cristo sobre a morte também estimulou o salto similar que transformou sua visão dos presos camponeses.⁴⁴

Nota-se aqui que a fé foi revitalizada e revivida pelas cerimônias da páscoa, cerimônia esta que retoma o fato fundante. “A possibilidade de que um grupo humano, ou uma pessoa, se reconheça como sendo parte de uma tradição depende, pelo menos em parte, de referências ao passado e de lembranças comuns a outrem.”⁴⁵ De acordo com Rivera, este esforço de voltar às origens, não quer dizer que se queira permanecer no passado, mas de encontrar

⁴² HERVIEU-LEGER. *A transmissão religiosa na modernidade: elementos para a construção de um objeto de pesquisa*. op. cit. p.40

⁴³ Idem. *ibidem*. p.41

⁴⁴ FRANK, op.cit. p.185

⁴⁵ RIVERA, op.cit. p.129

sentido no presente e sonhar com o futuro.⁴⁶

Considerações Finais

O diálogo proposto nos levou a analisar a memória religiosa dentro da discussão sobre memória coletiva, incluindo a memória individual, memória histórica e transmissão religiosa. O caminho percorrido foi o pensamento de Maurice Halbwachs, teórico importante e pouco trabalhado na sociologia da religião, principalmente no que diz respeito a memória. Porém, a participação de Dario Paulo Barrera e Danièle Hervieu-Léger foram fundamentais para uma melhor compreensão da teoria de Halbwachs. Além disto, o diálogo com Dostoievski aproximou e possibilitou uma análise da sociologia sob o viés da literatura, e a literatura como caminho para uma reflexão da memória coletiva.

A memória coletiva é compreendida por Halbwachs como “processo social de reconstrução do passado vivido e experimentado por um determinado grupo, comunidade ou sociedade.”⁴⁷ Esta conceituação nos permite perceber que toda reconstrução do passado vivido e experimentado se dá por influência do grupo. Inclusive a memória individual dá-se por meio do grupo, pois é impossível uma memória absolutamente individual, a lembrança é reconstruída socialmente, e para isto a existência da comunidade afetiva é indispensável, conforme afirmou Rivera.⁴⁸ Também foi trabalhado a memória histórica onde se distingue a memória coletiva da memória histórica, assim como se distingue a memória coletiva da memória individual, além da inter-relação entre elas. Também foi discutida a transmissão religiosa, onde se trabalhou a tradição e a continuidade da fé.

Todos estes elementos abordados foram interagidos com Dostoievski a partir de sua literatura, alguns de seus textos. Foi possível observar a presença da memória coletiva, além da transmissão religiosa, sempre destacando seu momento histórico do Séc. XIX na Rússia.

Sem dúvida, o diálogo de Halbwachs com Dostoievski sobre a memória coletiva tem uma contribuição para a sociologia da religião, pois possibilita uma análise na literatura, identificando e refletindo os elementos discutidos sobre a teoria da Memória coletiva tendo como foco a religião. É claro que esta pesquisa não esgotou o assunto, apenas pretendeu apontar a relevância do diálogo entre a sociologia e a literatura como possível caminho de

⁴⁶ RIVERA, op.cit.p.130

⁴⁷ HALBWACHS. op.cit

⁴⁸ RIVERA, Dario Paulo Barrera. *Tradição, memória e modernidade. A precariedade da memória religiosa contemporânea.* p. 122

análise e que merece um melhor aprofundamento.

Bibliografia

BEVILÁQUA, Clóvis. *Naturalismo Russo-Dostoievski*. Texto extraído da Academia Brasileira de Letras, via Internet.

DOSTOIEVSKI, Fiodor. *Crime e Castigo*. Trad. Luiz Cláudio de Castro. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1998.

DOSTOIEVSKI, Fiodor. *Recordações da Casa dos Mortos*. Trad. José Geraldo Vieira. São Paulo. Martin Claret, 2006.

FRANK, Joseph. *Dostoievski. Os anos de Provação 1850 a 1859*. Trad. Vera Pereira. São Paulo. Edusp, 2000.

HALBWACHS, Maurice. *Fragments de la Memoria Colectiva*. Seleção e tradução. Miguel Angel Aguilar D. (texto em espanhol). Universidad Autónoma Meropolitana-Iztapalapa Licenciatura em Psicologia Social. Publicado originalmente em Revista de Cultura Psicológica, Año 1, Número 1, México, UNAM- Facultad de psicologia, 1991.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *A transmissão religiosa na modernidade: elementos para a construção de um objeto de pesquisa*. Revista Estudos de Religião. Ano XIV, nº 18, Junho de 2000.

PONDÉ, Luiz Felipe. *Critica e Profecia*. A filosofia da religião em Dostoievski. São Paulo: Ed.34, 2003.

RIVERA, Paulo Barrera. *Tradição e emoção religiosa. Sociologia do Protestantismo na América Latina*. São Paulo. Olho d'água, 2001.

RIVERA, Dario Paulo Barrera. *Tradição, memória e modernidade. A precariedade da memória religiosa contemporânea*. Revista Estudo de Religião, Ano XIV, nº 18, junho de 2000.